

O INVISÍVEL FOTOGRAFADO: *ATUAÇÃO* E GESTUALIDADE DOS ENCANTADOS NO TAMBOR DE MINA DO QUILOMBO MARANHENSE DE SANTA ROSA DOS PRETOS

Juliana Loureiro¹

A seleção de fotos da festa do Caboclo João Guará para São Lázaro na tenda de Mãe Severina em O INVISÍVEL FOTOGRAFADO revela uma relação etnográfica que permite registrar as expressividades dos corpos atuados, incorporados pelos encantados. A gestualidade dos corpos nos permite abduzir suas agências, reconhecer os invisíveis que neles atuam.

A experiência da etnografia fílmica na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes no Quilombo de Santa Rosa me permitiu através da apreensão e potência áudio-imagética estreitar mais a interação entre os corpos afetados. Ampliei os meus sentidos e as relações com os encantados. Pelas imagens, mimeses das corporalidades e gestualidades capturadas, pude prestar mais atenção, ver, rever de forma compartilhada com os humanos e encantados que participam das cenas e perceber na própria interação deles com as imagens dos corpos atuados os índices (Gell) expressos nas gestualidades que nos permite o reconhecimento das mudanças de agência, a identificação da persona, do “invisível” sobre os corpos que atuam.

Este ensaio fotográfico é uma das expressões estéticas possibilitadas pelo amor à primeira vista entre a Encantaria Quilombola e a antropóloga, desde os primórdios registros nos anos de 2004 a 2007 à imersão profunda de vida e pesquisa a partir de 2016. É um dos resultados da tese Encantaria Quilombola: uma etnografia fílmica do atuar dos encantados junto à comunidade rural negra maranhense de Santa Rosa dos Pretos.

¹Antropóloga, fotógrafa e documentarista. Formada em Ciências Sociais, com mestrado e doutorado em antropologia pelo PPGSA da UFRJ. Atua nos campos temáticos e etnográficos da antropologia visual, das religiões de matriz africana, da cultura popular, da política e do meio ambiente; com populações tradicionais (quilombolas, pescadores e ribeirinhos). Foi professora de antropologia na UFMA. Desenvolve pesquisa e extensão junto ao Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular (GPMINA) e ao Museu Afrodigital do Maranhão, vinculados ao Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA e junto ao Núcleo de Experimentações em Etnografia e Imagem (NEXT Imagem) e ao Núcleo de Arte, Imagem e Pesquisa Etnológica (NAIPE) do PPGSA da UFRJ.



Mãe Severina abre a noite de tambor de mina em sua Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, a maior e mais conhecida do Território Quilombola de Santa Rosa dos Pretos. Doutrina de frente para o altar sacudindo seu maracá, canta a doutrina de abertura do tambor



O olho-câmera assume a perspectiva dos abatazeiros, dos tocadores de tambor. É de frente para os eles que Mãe Severina canta as doutrinas que chamam seus encantados para virem baiair.

A mineira Maria Dalva, guia da tenda, segura a doutrina e se posiciona na retaguarda, enquanto Mãe Severina desestabiliza seu corpo, perdendo seus sentidos para a “atuação” dos encantados. Qual deles que agora “toma” a sua “croa” e “domina” os seus “sentidos”?



Mãe Dalva ampara sua Mãe Severina desfalecida de seus sentidos.

Agora não é mais Mãe Severina. Seu corpo está “atuado” por algum de seus encantados. Pela expressividade é Teresa Légua. A cabocla é ativa e animada. Mãe Dalva assiste a Cabocla Teresa e escuta a doutrina que ela cantando anuncia sua chegada. No salão muitos mineiros dançando na gira anti-horária aquecem e enebriam seus corpos para a incorporação, a “atuação” dos encantados.



Cabocla Teresa Légua canta e rodopia no corpo de Mãe Severina em um lindo bailado.

A Cabocla Teresa Légua dançando e cantando em seu gestual a mim dirige seus cumprimentos. Eu clico e capturo sua agência. É Teresa Légua. É ela quem faz o rosto de Mãe Severina expressar a alegria de festeira. No salão muitos dançantes na gira. Por enquanto, é a única encantada que chegou na eira.



Mãe Dalva e Dona Francisca, a primeira guia da tenda, de frente para o altar. Ambas entregam seus sentidos para a atuação de seus encantados. É Seu Pedro Légua, irmão da Cabocla Teresa, que vem tomando o corpo de Dalva. A família Légua tem reinado no quilombo de Santa Rosa, desde os antigos bailam nos corpos do povo de lá.



Seu Pedro segura Dona Francisca, que resiste a incorporação dos encantados e mais se enebria. Seu guia não costuma contar seu nome.

Um close na brabeza de Caboclo Pedro Légua Bogi da Trindade. Ao fundo a expressividade facial do encantado de Dona Francisca, na maioria das vezes fechado em si.



Com a cabeça sobre o altar Mãe Severina se ampara até ter o corpo completamente dominado pelo invisível. Em outro clic retira os brincos. Pode ser Seu Cearenso, que se diz “caboclo homem” ou o Caboclo João Guará, dono da festa. Pela doutrina que cantará saberemos quem é.

Na gira, Priscila, moça da turma da universidade que frequenta o salão. Com o corpo sempre radiado pelos encantados, é também filha de Légua, entra na gira. Ao centro Damião, filho legítimo de Santa Rosa dos Pretos. Carrega a sina de seu povo. Faz pouco começou a dançar mina, recebe muitos encantados em sua “croá”, entre eles Joãozinho Légua.



No quilombo e no tambor de mina os mais novos cumprimentam os mais velhos pedindo a benção. Simbolizada pela troca de beijos na mão. Com a chegada do Caboclo Cearense, encantado de família da Turquia, dono da tenda e o primeiro que dominou a croa de Mãe Severina, Damião ainda em seu sentido de ser humano lhe pede a benção.

Depois da benção Damião é tomado pelo transe.



Um mineiro convidado se posiciona à frente dos tambores para baiar e cantar a doutrina de seu fundamento. Quase todos da gira farão o mesmo na evocação e anunciação de seus encantados. No tambor da mata, mestre Wallyson Pires, neto de Mãe Severina.



Mais uma vez Seu Pedro Légua à frente dos tambores baia e doutrina. Com Caboclo Pedro no salão a cantoria da encantoria é garantida. Seu potente cantar anima a festa.

Apesar de bravo, Seu Pedro Légua é acima de tudo gaiato. É com sua gaiatice que conquista a todos. Na gira, um homem de costa, com uma linda roupa azul se destaca no salão. É Pai Junior, dono de uma tenda nas bandas do Arari. Com altivez dança trajado de saia.

